



XVI Encontro de Extensão Universitária da Universidade Federal de Campina Grande.  
*Os desafios da Extensão Brasileira frente à curricularização e às mudanças paradigmáticas.*  
De 07 a 08 de março de 2023. Cajazeiras, PB – Brasil.

*Vanessa André de Oliveira<sup>1</sup>, Joelma Silva Santos<sup>2</sup>, Raily Teresa da Silva Santos<sup>3</sup>, Beatriz Costa Lira<sup>4</sup>, Ana Luiza Macedo Dias<sup>5</sup>, Juliana Alves Pinto<sup>6</sup>, Ana Sonale Monteiro de Albuquerque<sup>7</sup>, Taciana da Costa Farias Almeida<sup>8</sup>,  
taciana.costa@professor.ufcg.edu.br*

## **VAMOS CONVERSAR SOBRE DOAÇÃO DE ÓRGÃOS E TECIDOS PARA TRANSPLANTES?**

---

<sup>1,2,3,4,5</sup> Estudantes de Graduação em Enfermagem, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

<sup>6,7</sup> Enfermeira, Central de Transplante do Hospital de Trauma de Campina Grande, Campina Grande, PB. Brasil.

<sup>8</sup> Orientadora/Coordenadora, Docente do curso de Enfermagem, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

**Resumo:** Este projeto objetivou disponibilizar informações acerca da doação de órgãos e tecidos para transplantes aos pacientes/clientes, acompanhantes e profissionais de um hospital de ensino. Método: conversa ativa, distribuição de folders, utilização de cartilha, opiniões e questionamentos sobre a temática. Resultado e Conclusão: As ações possibilitaram a abordagem de 840 pessoas para conversar sobre o tema, contribuindo direta ou indiretamente para a sensibilização e aprimoramento do conhecimento sobre a doação de órgãos.

**Palavras-chaves:** *Obtenção de órgãos e tecidos, Transplante, Educação em Saúde.*

## 1. Introdução

O transplante é uma modalidade terapêutica com a finalidade de substituir um órgão e/ou tecido que perdeu sua função no organismo. A doação e o transplante de órgãos possibilitam ao paciente receptor, retornar a exercer suas atividades cotidianas, assim como, aumenta a taxa de sobrevivência de pessoas que convivem com doenças que comprometem o funcionamento de algum órgão, que tem como única opção terapêutica o transplante [1; 2].

O Brasil é um país referência na efetivação de transplantes, porém o processo de doação de órgãos ainda é um assunto pouco abordado e compreendido pela população, impactando nas baixas taxas de doação e aumento nas filas de espera por um órgão. A constatação da morte encefálica, que acontece com pacientes graves, dá origem a um potencial doador, e é nesta situação em que ocorre a abordagem familiar para conversar sobre a possibilidade de doação, porém, trata-se de um momento em que os familiares estão impactados pelo sentimento de dor pela perda de um familiar. Considerando que há a necessidade de decisão rápida, os profissionais de saúde buscam facilitar e viabilizar o processo, orientando sobre a possível doação [3]. Porém, para algumas famílias esse pode ser o primeiro contato com o tema, o que torna um fator relevante e dificultador para a decisão.

Indivíduos que não possuem conhecimento prévio sobre a doação e o processo de transplante de órgãos apresentam maior predisposição a negarem uma doação, uma vez que o luto e o medo de decidir por algo até então desconhecido não os fazem compreender a importância deste ato voluntário [4]. Essa falta de compreensão sobre o tema leva, geralmente, a negativas associadas a valores e crenças sobre a morte, que impede a continuidade do processo. Considerando que a execução da doação só ocorre quando a família é corretamente esclarecida e informada, levar essas informações sobre a doação para a população geral é de considerável relevância, principalmente em momentos cotidianos, onde não haja a necessidade de decisão imediata, luto e nem o sentimento de perda iminente.

Diante do exposto, o objetivo do projeto foi disponibilizar informações e esclarecimentos acerca da doação de órgãos e tecidos para transplantes aos pacientes/clientes, acompanhantes e profissionais de um hospital de ensino.

## 2. Metodologia

As ações extensionistas foram realizadas no período de junho a dezembro de 2022 e teve o percurso metodológico descrito a seguir.

Inicialmente os discentes foram instruídos e capacitados pela coordenadora do projeto sobre o tema e foram instruídos a buscarem na literatura artigos científicos e a legislação vigente para a construção dos materiais educativos que seriam utilizados nas abordagens no hospital, somado as leituras e discussões do tema, e visando também aprimorar o conhecimento, a equipe assistiu palestras *online* realizadas pela Associação Brasileira de Transplantes, em formas de *webinar*.

Durante as pesquisas foi possível encontrar quais eram as principais dúvidas das pessoas sobre o processo de doação. Essas dúvidas foram utilizadas para a elaboração de materiais educativos no formato de *folder* e uma cartilha informativa. No *folder* foram inseridas as principais informações sobre o processo de doação e transplante; na cartilha as informações foram construídas com explicações mais aprofundadas e ilustradas. Além do *folder* e da cartilha, foi criada uma página no *Instagram* com o objetivo de informar outras pessoas sobre a doação. E uma caixa com números aleatórios também foi utilizada para fazer as pessoas refletirem sobre a lista de espera por um órgão. Para o desenvolvimento dos materiais foram utilizados os recursos tecnológicos da plataforma *Canva*®.

Com o material pronto, os extensionistas e a docente orientadora e coordenadora foram até o hospital para reunião com a equipe da Central de Transplantes, momento em que foram apresentados os materiais, e os extensionistas tiveram o primeiro contato com o ambiente o qual seriam executadas as ações extensionistas. Em seguida, iniciaram-se as abordagens, nos mais diversos ambientes do hospital, no qual as pessoas eram abordadas e convidadas a conversar sobre o processo de doação de órgãos.

A técnica utilizada baseou-se na conversa ativa, oportunizando ao indivíduo expressar sua opinião e seus principais questionamentos sobre o tema, sendo assim, cada diálogo poderia fluir diferentemente para cada pessoa, levantando interesse do público-alvo para a temática abordada. As abordagens ocorreram mediante a ida dos extensionistas ao serviço, com visita nas enfermarias, UTIs, emergência e corredores do hospital, semanalmente, sendo estas feitas individualmente ou em grupo de extensionistas, conjuntamente ou não, com a equipe da Central de Transplantes, em diferentes dias. Essas abordagens seguiram-se, semanalmente, entre os meses de Julho a Dezembro no intuito de abordar o maior número de pessoas que estavam no hospital nesse período.

As pessoas abordadas eram escolhidas aleatoriamente; algumas vezes estavam em grupos ou sozinhas. Nesses momentos, os extensionistas se apresentavam, apresentavam o *folder* e perguntava se podia conversar sobre a doação de órgãos e tecidos para transplantes. Geralmente a resposta era positiva, então o primeiro questionamento era “ *você conhece alguém que*

já doou ou recebeu algum órgão e/ou tecido?” quando a resposta era “não” questionávamos “e doação de sangue?”, por ser uma doação mais comum, muitos conheciam, e a imersão na conversa sobre doação partia da doação de sangue até chegar à doação pós-morte. O diálogo era conduzido de acordo com as respostas aos nossos questionamentos e as dúvidas trazidas pelas pessoas que aceitavam a conversa.

Raramente havia recusa para o diálogo. Percebeu-se que as recusas para as conversas, normalmente, ocorriam em um local específico do hospital, próximo a entrada do centro cirúrgico, UTI e/ou emergência. E os discursos referentes a negativa, eram semelhantes; havia sempre a referência a preocupação com um ente querido que estaria na cirurgia ou em situação de gravidade, constatando que uma abordagem sobre esse tema deve preceder um momento de angústia, sofrimento e medo da morte, para que o tema seja melhor compreendido. As negativas para conversa sempre foram respeitadas, o *folder* era entregue, assim como era mostrada a possibilidade de contato pelo *Instagram*, e o/a extensionista se colocava a disposição para sanar possíveis dúvidas em um momento futuro.

Durante a vigência do projeto aconteceu o Setembro Verde que é o mês dedicado à conscientização, sensibilização e incentivo para a doação de órgãos, foi um mês em que as ações se intensificaram. A equipe se reuniu com a coordenadora do projeto para fazer uma ação mais intensa no hospital no primeiro dia do mês, buscando aumentar o número de pessoas alcançadas. Utilizou-se *banner*, *folders* e *bottons* de laços verdes, símbolo nacional da doação de órgãos.

Ainda no Setembro Verde as ações foram estendidas para o Centro de Ciências Biológicas e da Saúde-CCBS da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, lá foram feitas buscas ativas por profissionais e estudantes para rodas de conversa. Foi um momento para esclarecer dúvidas e levar informações acerca do transplante e da doação de órgãos também dentro dos muros da universidade.

Durante as ações no hospital, além dos recursos materiais já utilizados foi empregado outro método que se mostrou eficaz, visando uma tática que pudesse envolver ainda mais o ouvinte. Utilizou-se uma caixa com vários papéis dobrados e embaralhados, nestes papéis continham números que representavam a quantidade de pessoas na fila à espera de um órgão para transplante. Nessa abordagem o indivíduo, pegava um papel e era surpreendido com o número escrito, que geralmente eram números altos. A partir daí a conversa se desenvolvia. Observou-se que essa técnica se mostrou muito eficiente, pois despertava maior interesse e curiosidade sobre a temática, uma vez que muitas vezes os indivíduos se colocavam na situação de espera em uma fila.

### 3. Ilustrações

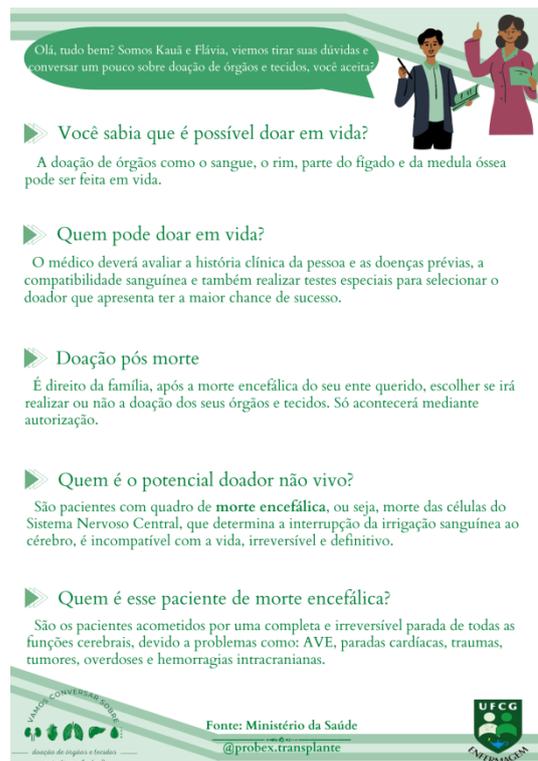


Figura 1 – Frente do folder.

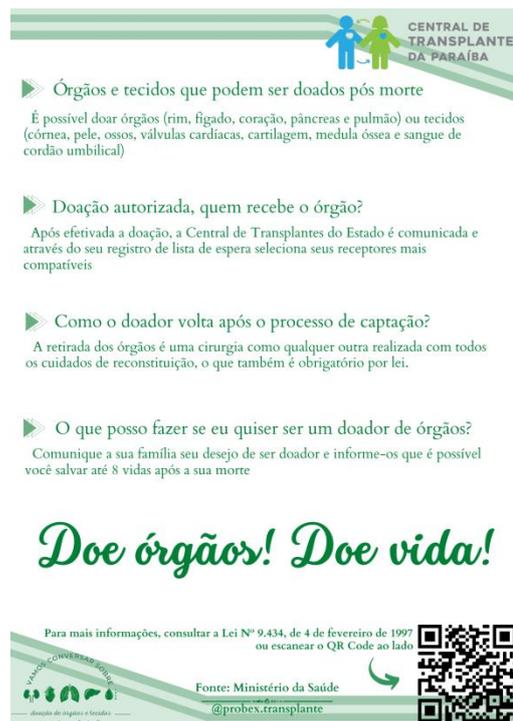


Figura 2 – Verso do folder.



Figura 3 – Páginas da cartilha.



Figura 6 – Equipe da ação realizada no Hospital de Trauma abertura do Setembro Verde.

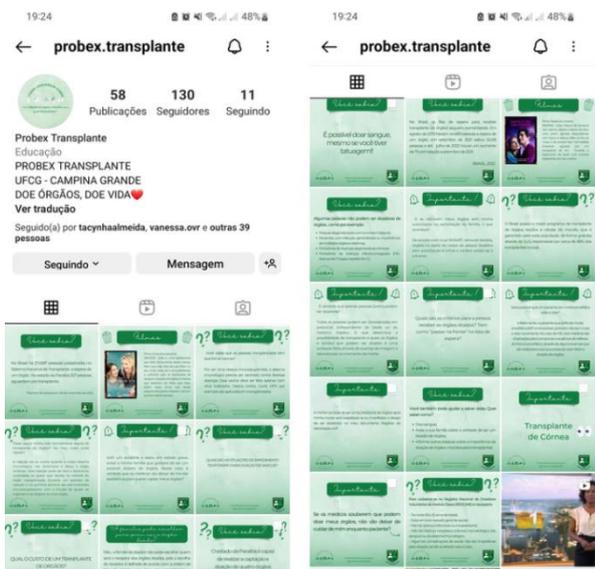


Figura 4 – Página do Instagram.



Figura 7- Participação em evento do Setembro Verde realizado pela Central de Transplante do Hospital de Trauma.



Figura 5 – Ação realizada na Central de imagens do Hospital de Trauma.



Figura 8- Dia de ação com as colaboradoras da Central de Transplante do Hospital de Trauma.

#### 4. Resultados e Discussões

O projeto foi desenvolvido entre Junho e Dezembro do ano de 2022. Este projeto envolveu o trabalho de oito extensionistas, desses, dois bolsistas e seis voluntários, mais uma enfermeira colaboradora, e seis profissionais da Central de Transplante (enfermeiras, psicóloga e assistente social). Durante esse período ocorreram 38 dias de visitas para a realização das ações extensionistas na unidade hospitalar, alcançando aproximadamente um público de 840 pessoas, entre pacientes, acompanhantes, profissionais da saúde e funcionários da instituição, que foram abordadas nas enfermarias, corredores, UTI, emergência, central de imagens e na área externa do hospital.

Durante as ações, evidenciou-se que parcela da população não possuía informações acerca da doação de órgãos e tecidos para transplantados, causando, muitas das vezes uma barreira para iniciar-se o diálogo, pois a maioria tinha acesso a temática somente quando a família era acometida por alguma fatalidade, tornando-a ainda mais difícil de ser transmitida.

Foi observado pelo grupo de extensionistas um fato em comum nas abordagens ao público, muitas pessoas tinham um certo receio, de início, quando era falado as palavras “transplante” e “doação de órgãos e tecidos”, por sempre vê nas redes de comunicação grandes doações e transplantes, de múltiplos órgãos, por exemplo. Porém, quando o grupo falava sobre “doação de sangue”, e associava esse assunto com a doação de tecido vivo, a população abordada tinha uma maior “aceitação” de conversar sobre, pois é algo mais comum de acontecer, pois sempre havia um conhecido que havia doado, ou até mesmo a própria pessoa abordada era doador, e desconhecia que essa doação era um tipo de transplante em vida.

O tema em discussão mostra sua relevância uma vez que, os indivíduos que não possuem informação necessária sobre a doação e transplante de órgãos não conseguem decidir de forma consciente se querem

realizar ou não a doação dos órgãos de seus familiares falecidos [4]. Essa falta de compreensão sobre o tema leva, conseqüentemente, a recusa no processo, que também está diretamente relacionada a valores e crenças sobre a morte.

Assim, a execução da doação só ocorre quando a família é corretamente esclarecida e informada, retirando as dúvidas existentes e amenizando a angústia e o desespero. Posto isto, caso tivesse previamente o conhecimento da vontade do doador, essa angústia poderia ser reduzida, porém, comumente este assunto não são debatidos em outros locais, como unidades básicas de saúde, ambulatórios, escolas, entre outros; tornando-se um obstáculo falar sobre a morte e sua repentina chegada. Em razão disto, muitos optam por negar a doação de órgãos de seus parentes, alegando o desconhecimento da sua vontade. Neste sentido, é essencial saber dos familiares qual a intenção deles em ser doadores pós morte. [5]

No entanto, apesar do pouco conhecimento, a recusa foi praticamente nula, apresentando-se com 0,82% do total de abordagens. Muito disso, se deve as diferentes maneiras utilizadas para aproximar-se dos indivíduos, e também o quanto a população abordada tinha interesse em saber sobre o assunto, mostrando uma falha da equipe de saúde em levar este tipo de informação aos usuários, neste ambiente e em outros serviços de saúde.

Logo, foi necessário que abordagens divergentes fossem empregadas à medida que eram observadas as necessidades do público-alvo. Foi proporcionado um espaço durante os diálogos, o qual realizava-se a escuta aberta e ativa, trocas de experiências possibilitando assim, sanar dúvidas e preencher lacunas de conhecimento apresentadas pelas pessoas abordadas.

Os métodos ativos utilizados tornaram mais interessante a promoção de novos conhecimentos, de forma que o processo de aprendizagem foi focado nas demandas e experiências vividas pelos indivíduos, despertando novos olhares direcionados ao processo de doação de órgãos para tecidos [6].

Após essa abordagem, muitos externaram a vontade de conversar com suas famílias e com amigos sobre o assunto, pois foi apreendido, por exemplo, que apenas a família tem o direito de autorizar, ou não a doação, bem como, apresentaram também o interesse em levar os *folders* (figuras 1 e 2) para auxiliá-los a disseminar esse conhecimento adquirido.

#### 5. Conclusões

O Brasil é reconhecido como uma referência mundial em transplantes, principalmente por ofertar esse serviço de forma gratuita através do SUS, independente de classe social, econômica e etnia.

Este conjunto de ações que culmina na doação e transplante de órgãos vem ganhando crescimento e destaque no Estado da Paraíba, assim como no município de Campina Grande, especialmente na instituição escolhida para a realização das ações extensionistas.

A execução do projeto alcançou seu objetivo, uma vez que propiciou encontros com conversas proativas sobre um assunto que é considerado, culturalmente, um

tabu. Neste sentido, este projeto consegue alcançar alguns objetivos do desenvolvimento sustentável, como a ODS 3 e a ODS 10, uma vez que o conhecimento propicia melhoria no bem estar e qualidade de vida, e diminui desigualdades sociais.

Ademais, a execução do projeto em uma unidade de saúde que é referência para constatação de morte encefálica, manutenção de potencial doador e captação de órgãos, propicia um melhor entendimento dos profissionais envolvidos com a doação de órgãos e abordagem dos familiares, firma parcerias da central de transplante com a comunidade acadêmica e com a UFCG, mostrando a importância deste trabalho conjunto para o conhecimento de assuntos relacionados a saúde, assim como para bem estar da população.

Foi visível, de acordo com a população abordada, que há lacunas no conhecimento da população, profissionais da saúde, e da instituição sobre o processo de transplantes, o que contribui negativamente para a aceitação das doações e orientações dos familiares que tem a oportunidade de doar os órgãos de seus entes queridos. Todavia, notou-se que quando tiveram seus questionamentos sanados, demonstraram que estariam dispostos a romper crenças e tabus, o que comprova a importância e a eficácia da propagação de informações corretas.

Além de acrescentar ao conhecimento populacional, houve um crescimento na formação dos extensionistas e docente orientadora, nos âmbitos pessoal, profissional, habilidades de oratória, criação de conteúdos e desenvolvimento de relações interpessoais, possibilitando um maior amadurecimento, que foi propiciado pelas trocas de experiências com as pessoas e com os colegas de trabalho. Ademais, as pesquisas científicas mais aprofundadas sobre o assunto, a fim de sempre sanar as dúvidas apresentadas nas abordagens semanais, tornaram essa experiência única para os discentes, contribuindo assim para a sua formação acadêmica de excelência.

Notoriamente, o diálogo foi a forma mais eficaz de disseminação do assunto. Para isso, é necessário que haja essa conversa de forma mais aberta entre as pessoas, desvendando toda e qualquer dúvida, preconceitos e desconhecimento sobre esse assunto, para que conversas sobre a doação de órgãos seja um tema comumente debatido na população, uma vez que a morte é um destino inevitável, mas que há nesse destino, a possibilidade de ajudar outras pessoas com esse ato nobre de doação. Sugere-se a realização de ações semelhantes as vivenciadas nesta extensão em outros locais que estejam fora do ambiente hospitalar, também.

Diante do exposto, conclui-se que o projeto corroborou para a educação em saúde da comunidade, tendo, desta forma, o seu objetivo de propagar informações acerca da doação de órgãos e tecidos para transplantes alcançado.

## 6. Referências

[1] GARCIA, Clotilde Druck; PEREIRA, Japão Dröse; GARCIA, Valter Duro. Doação e transplante de órgãos e tecidos. **São Paulo: Segmento Farma**, 2015. Disponível em:

<https://www.adote.org.br/assets/files/LivroDoacaOrgaosTecidos.pdf>

[2] VICTORINO, João Paulo; VENTURA, Carla Aparecida Arena. Bioética e biodireito: da doação ao transplante de órgãos. **Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics**, v. 6, n. 1, p. 72-83, 2016. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/310759416\\_Bioetica\\_e\\_Biodireito\\_da\\_Doacao\\_ao\\_Transplante\\_de\\_Orgaos](https://www.researchgate.net/publication/310759416_Bioetica_e_Biodireito_da_Doacao_ao_Transplante_de_Orgaos)

[3] FÉRNANDEZ-ALONSO, Víctor; PALACIOS-CEÑA, Domingo; SILVA-MARTÍN, Célia; GARCÍA-POZO, Ana. A experiência da família do doador falecido durante o processo de doação de órgãos: um estudo qualitativo. **Acta Paul Enferm.**, v.35, 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ape/a/3gWh6cjhblJwjSgrwdfRSmR/?format=pdf&lang=pt>

[4] MORAIS, Taise Ribeiro; MORAIS, Maricelma Ribeiro. Doação de órgãos: é preciso educar para avançar. **Saúde em Debate**, v. 36, n. Saúde debate, 2012 36(95), out. 2012.

, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/ck6LW4TkDqNpY88YwZ4dPVq/abstract/?lang=pt>.

[5] PORCIÚNCULA, Bruna. Falta de informação é principal motivo para famílias negarem a doação de órgãos, indicam especialistas. **GZH vida**, Porto Alegre, 22 de setembro de 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/vida/noticia/2017/09/falta-de-informacao-e-principal-motivo-para-familias-negarem-a-doacao-de-orgaos-indicam-especialistas-cj7w78dzi00q801tg0vypi55z.html>>.

[6] SOUSA, Cynthia Haddad Pessanha; RIBEIRO, Liana Viana; DE MELO TAVARES, Cláudia Mara. A escuta ativa no processo de ensino-aprendizagem dos acadêmicos de enfermagem. **[TESTE] Debates em Educação**, v. 13, n. 31, p. 845-863, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/ojs2-somente-consulta/index.php/debateseducacao/article/view/11647>.

## Agradecimentos

À equipe da Central de Transplantes do Hospital de Emergência e Trauma Dom Luiz Gonzaga Fernandes pelo suporte e colaboração no desenvolvimento das atividades.

À UFCG pela concessão de bolsa(s) por meio da Chamada PROPEX 003/2022 PROBEX/UFCG.

À professora coordenadora Dra. Taciana da Costa Farias Almeida pelo direcionamento e apoio.